

JOFFRE DUMAZEDIER POR LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO¹

Olivia Cristina F. Ribeiro²

Olivia: Como você conheceu Dumazedier?

Luiz Octávio: Assim que eu comecei a trabalhar como orientador social do SESC em 1970, eu já comecei a tomar contato com alguns artigos de Dumazedier. Ainda não havia nenhum livro dele traduzido no Brasil. Entretanto, quando eu ganhei uma bolsa para fazer doutorado na França, nem me ocorreu estudar com ele. Eu nem imaginava que o lazer constituisse um corpo teórico suficiente para um curso de pós-graduação. Assim, todo o meu processo foi encaminhado junto a Alain Touraine, sociólogo que já desfrutava de grande prestígio no país. Escrevi para ele, que gostou da minha proposta e eu fui para fazer o doutorado na então Ecole Pratique de (hoje Ecole de Hautes Etudes en) Sciences Sociales. Problemas de burocracia escolar levaram-me a procurar Dumazedier. Eu achava que seria complicado, mas, extremamente gentil e diretor da Faculdade de Educação da Sorbonne-Paris V, ele me facilitou as praxes acadêmicas, logo me indicando para o doutorado.

Olivia: Em que ano foi isto?

Luiz Octávio: em 1975, há quase 30 anos já. No início não foi fácil. Acostumado com o ritmo escolar de aulas diárias, de repente eu me via dentro de um programa que exigia só 2 compromissos por semana: aula de Metodologia terça-feira à noite e reunião de orientação com o próprio Dumazedier nas tardes de quarta-feira. Era tudo o que eu tinha para fazer. Dumazedier foi meu socorro. Desde o início, foi para mim uma fonte inestimável de experiência não só acadêmica mas também de vida. Por exemplo, quando eu discutia com ele o tema da minha tese que era algo sobre “lazer e mudança social” (eu, como os jovens de hoje, estava muito interessado em saber de que forma o lazer poderia ser um “motor” da mudança social), ele me

1 Entrevista concedida em 06/08/2003 pelo professor Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, docente do programa de mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi-Morumbi/SP e Coordenador do Curso de Pós-graduação em Lazer das Faculdades SENAC de Turismo e Hotelaria. O depoimento foi gravado, transcrito e submetido, posteriormente à revisão do entrevistado que autorizou a publicação.

2 Mestre em Lazer pela UNICAMP, docente nos cursos de graduação em Turismo, Hotelaria e Lazer da Universidade Anhembi-Morumbi e no curso de Tecnologia em Turismo e Bacharelado em Hotelaria das Faculdades SENAC, onde também é docente e assessora técnica do curso de Pós-graduação em Lazer.

perguntou se eu era apaixonado pelo tema. Quando eu disse que sim, ele me deu o primeiro conselho, que até hoje repito aos meus orientandos: “nunca leve para o orientador um tema pelo qual você esteja apaixonado”.

Olívia: Mas não é a paixão pelo tema que se espera de um aluno?

Luiz Octávio: Eu sempre pensei isso, que o meu orientador quisesse saber de um tema pelo qual eu fosse apaixonado. Ele me pediu para eu imaginar como seria dura a nossa relação estando eu interessado no tema e ele não, as rugas que teríamos. Qualquer observação que ele fizesse para mim iria soar como uma incompreensão, quem sabe uma ofensa. Ele me disse então que mestrado e doutorado são tarefas escolares que permitem aferir se o doutorando sabe pesquisar. Ponto final. O melhor seria pois um trabalho acadêmico sobre um tema neutro que, terminado, me permitiria, com o título nas mãos, aí sim dedicar-me à minha paixão sem que ninguém me perturbasse. “Ça vaut de l’or”, finalizou. Esta é outra lição sua que eu venho repartindo com meus orientandos até hoje: não trazer para a academia a grande paixão, e sim, um tema que seja o mais simples e o mais prático possível. Ou seja, um tema que lhe permita mostrar que você sabe fazer ciência, o que é o sentido do grau acadêmico. Outra lição que ele me deu, no primeiro dia de orientação: ao perceber que eu estava por fora da teoria do lazer, passou a instruir-me, escrevendo furiosamente num bloco de 3 folhas com carbono. Ao terminar, ele me deu a primeira via para eu refletir, explicando que a segunda via iria para o meu dossiê e a terceira, direto para a sua pasta de produção científica porque aquilo tinha sido produzido por ele. Eu nunca havia imaginado que a produção acadêmica fosse um trabalho tão de “formiga” assim, de pequenas notas que aos poucos articulam-se e formam uma reflexão, sempre respondendo a uma questão. Eis o ponto central. De resto, como todo orientador, ele me deixou sofrer, sem me facilitar em nada a tarefa. Quem me auxiliou bastante foi sua assistente, Madeleine Rommer, que, num determinado momento, chamou-me e ensinou que, além das regras de metodologia, havia “receitas de cozinha” que eu deveria saber. Assim ela me ensinou a formatar um documento, a utilizar uma linguagem adequada, etc. A inscrição para o doutorado na França exige previamente um DEA, Diploma de Estudos Aprofundados. Que supõe um projeto de pesquisa e uma prova metodológica. Foi para o DEA que ela me orientou e logo em seguida eu comecei a ser um aluno regular do doutorado, embora já tivesse voltado para o Brasil.

Olívia: Você sempre menciona também o aprendizado de leitura.

Luiz Octávio: Isso mesmo! Leitura científica deve ser regulada pelo princípio da produtividade. Há uma leitura compreensiva, em que se resgata o esqueleto de um

texto, uma leitura crítica e uma leitura criativa. Esta última é notável, porque insólita. Saber ler um texto de outro, além do conteúdo, buscando uma forma ou estrutura que você também possa aproveitar, eis a novidade. Ele fazia da leitura um exercício de virtuosidade. Num treinamento, eu vi e cronometrei o tempo que ele levou para as três leituras e a produção, em francês, de uma resenha do livro (completa sob todos os pontos de vista) do *A noite da madrinha de Sérgio Micceli*: uma hora e quinze minutos.

Olívia: Mas, se bem entendi, ele não acreditava que o lazer pudesse ser um fator de mudança social?

Luiz Octávio: Vou tentar ser o mais cuidadoso possível na resposta. Ele sempre reservava, sim, em suas análises um amplo espaço para as observações que ele tinha feito em relação à influência do lazer sobre o que ele chamava de instituições de base da sociedade, o trabalho, a religião, a família e a política. Mas somente por ocasião de *A revolução cultural do tempo livre* é que ele externou a idéia de que a influência do lazer era observável empiricamente mas não chegava a afetar a lógica sociocultural e socioeconômica do funcionamento dessas instituições. Isso reforçava sua idéia de uma relativa autonomia entre os campos sociais do lazer e o preenchido por essas instituições, o que valia de ambos os lados. Ou seja: por particulares que fossem as condições de vida social no trabalho, na família, na religião e na política, havia uma certa lógica do lazer que permanecia imune a essas condições; o mesmo valendo para o lazer, ou seja, por particulares que fossem as condições de seu exercício numa dada sociedade, a lógica central das instituições de base da sociedade permanecia de certa forma intocada.

Olívia: Quanto tempo você ficou lá?

Luiz Octávio: No ano letivo 75/76, fiquei um ano inteiro e voltei todos os anos seguintes ficando um ou dois meses, até a conclusão do doutorado em 1982. Quando eu voltei em 1976, falei da enorme simpatia que Dumazedier tinha pelo Brasil. Ele já tinha estado entre nós, em 1961 (e, em 1975, também, quando eu já tinha viajado), a convite de Violeta Arraes, filha do governador Miguel Arraes, governador de Pernambuco. Ele veio para trabalhar num projeto de educação de adultos. Aliás, vale a pena mencionar que na época em que eu estava na França, ele era menos conhecido pelo lazer e mais por algo chamado de "treinamento mental", cujo resultado foi o livro *Teoria Sociológica da Decisão*. Ele veio ao Brasil para dar esse treinamento para o pessoal responsável pela educação de adultos em Pernambuco. Ele me contou esta experiência lá em Paris e comentou que havia um aluno que aproveitou muito bem o seu treinamento, que era muito atento. Disse, aliás, que ele ficou mais famoso

do que ele mesmo, Dumazedier, e que isto foi justo, já que o tal aluno direcionou o aprendizado para uma área importante, a da alfabetização de adultos. Este aluno era o nosso querido Paulo Freire. Em 1986, quando a Erundina assumiu a prefeitura de São Paulo e o Paulo Freire foi secretário da educação, eu trouxe para ele um convite da Universidade de Porto Rico para uma palestra sobre educação pela TV. Paulo Freire foi muito gentil e quis combinar comigo para fazermos juntos. Eu me intimidei com o convite e nunca levei em frente, mas durante a conversa, ele me confirmou que o seu método de alfabetização tinha sido uma inspiração que lhe veio após este treinamento mental aprendido com o Dumazedier. É importante se dizer que o Método Paulo Freire não foi uma cópia. Foi uma espécie de leitura criativa do método do Dumazedier.

Olivia: Como você descreveria este método do treinamento mental?

Luiz Octávio: É muito interessante. Pena que seja tão pouco conhecido e difundido. Parte do princípio segundo o qual toda ação é resultado de três tipos de pensamento: um pensamento científico (probabilístico), que formula juízos de realidade através de uma problematização inicial do tema (aliás, saber problematizar e colocar questões é um aprendizado que faz parte do método); a seguir, vem o pensamento axiológico, que elabora juízos de valor, que pensa como a ação deve acontecer em função do problema, e, finalmente, de um pensamento teleológico que determina modelos de ação prática, o que pode ser feito. Esse método é uma ferramenta fantástica. Atribuo minha capacidade de produção a esse método. Se você tiver sua cabeça treinada, jamais fica sem assunto para uma palestra de ao menos 15 minutos.

Olivia: Ele utilizava sempre o método?

Luiz Octávio: Constantemente. Se eu lhe perguntava como ia o futebol na França, Dumazedier discorria sobre a situação – número de clubes, de atletas, públicos, se estava aumentando ou diminuindo. Dizia, por exemplo, que o futebol tinha uma adesão muito grande da população adulta, enfrentando entre os jovens a concorrência com o rugby, mas que, na verdade, o futebol tem ainda muitas vantagens porque tem alguns apelos diferentes como o campeonato mundial, as competições européias, etc. O problema qual era: o declínio técnico do futebol francês, que teve seu apogeu em 1958, caindo depois (somente veio a se reabilitar ao final dos anos 1970 com a geração Platini, Giresse, Trésor), sendo na época da nossa conversa um centro futebolístico medíocre. Então ele passava para o segundo pensamento: quais as alternativas de mudança possíveis para os diferentes atores sociais envolvidos. Já na época se discutia a importação de atletas de outros países, orientação que se chocava com o pensamento de alguns segundo o qual a importação de atletas inibiria a formação

de atletas locais. Falava da orientação da cartolagem e o pensamento mais esclarecido do pessoal da educação física. Em seguida, comentava as ações concretas que vinham sendo tomadas, sobretudo na modernização gerencial dos clubes.

Olívia: Mas em qualquer assunto?

Luiz Octávio: Qualquer. Você perguntava e ele falava 15 minutos. Isto tornava a conversa com ele um pouco complicada porque quando ele lhe perguntava algo, gostava de sentir em nós essa sociologia ativa, o que nem eu nem os colegas conseguimos com a sua desenvoltura.

Olívia: O que ele veio fazer no Brasil, em 1961?

Luiz Octávio: Ele participou, no primeiro governo Arraes, de uma projeto de ampla conscientização popular, inclusive através do rádio. Na França, ele trabalhou com educação de adultos em grupos. Essa experiência o trouxe para o Brasil. Aqui, as comunidades rurais organizavam-se em grupos de estudo e recebiam um rádio chamado cativo, sintonizado apenas na rádio educativa, que veiculava informações e orientações para a população rural. Em seguida, até 1975, o único contato que ele teve com o Brasil foi um curso de comunicação para jornalistas pela Unesco em Quito, do qual muitos brasileiros participaram. José Marques de Melo, então da ECA-USP, foi seu aluno e um dos divulgadores de seu trabalho. Aliás, existe um livro dele somente na ECA que se chama “Da sociologia dos meios de comunicação coletiva à sociologia do desenvolvimento cultural”, em espanhol, já que foi editado em Quito e é uma obra-prima (eu já tive o cuidado de tirar uma cópia). Quem quiser um balanço da sociologia da comunicação até 1970, vai encontrar tudo de que precisa nesta obra. Hoje quando se fala em comunicação, só se fala em meios de comunicação de massa (o próprio Marques de Melo fala em midiologia mais do que em comunicação). Nessa obra, Dumazedier, como bom discípulo de Paul Lazarsfeld, mostra algo que até hoje parece um segredo: que a comunicação interpessoal é mais estratégica e decisiva, do ponto de vista dos resultados na ação, do que a comunicação de massa, noção importante para sua teoria do animador sociocultural.

Olívia: Ele chegou a ter problemas com a ditadura?

Luiz Octávio: Curiosamente, a sua ação no Nordeste, em 1961, não deixou seqüelas. Mas em 1975, quando estive aqui em um seminário de lazer do SESC-Nacional, fez uma palestra, em Brasília, convidado pelo INEP-MEC, sobre drogas (que também deve sair nesta revista). A essa palestra ele intitulou “As drogas e a revolução social

do lazer”. Em resumo, ele disse que este é um assunto conturbado, dentro do qual as pessoas confundem seus medos pessoais com a avaliação crítica da realidade. Por este motivo, ele, um sociólogo canadense e um criminalista americano fizeram um levantamento de duzentas pesquisas realizadas na época sobre o assunto, selecionando vinte, ao final, como relevantes. Não levaram em conta nenhuma pesquisa médica, hábito que, segundo ele, nós também devemos seguir (na palestra, ele fez uma brincadeira dizendo que “médicos eram bons para fazer consultas e não para fazer pesquisa”. Concluiu afirmando que havia 3 categorias de drogas: as pesadas, como a heroína, que exigiam todo o aparato da repressão policial, muito maior do que se fazia até então; um segundo grupo, de drogas perigosas como a cocaína, que exigiam tratamento médico; e drogas recreativas, como a maconha e os inalantes (lança-perfume), que poderiam e deveriam ser liberados. Convidou inclusive os presentes a experimentarem para perder o preconceito. É claro que não pegou muito bem. Quando terminou a palestra, dois representantes do SNI, na platéia, levaram-no direto ao aeroporto, com destino ao Rio, determinando que nunca mais voltasse ao Brasil.

Olivia: Mas ele voltou para trabalhar no SESC?

Luiz Octávio: Sim, o que mostra que o SNI não era tão eficiente como se pensava. Ele voltou logo no ano seguinte como convidado do SESC e, assim, passou a vir todos os anos. Ele tinha as despesas pagas e ganhava o equivalente a mil dólares a cada vinda, duas vezes por ano. Ele não tinha a menor competência para ganhar dinheiro, não sabia como cobrar. Aliás, se o SESC não oferecesse pagamento, talvez ele nem cobrasse. Ele tinha esse despojamento autêntico, do verdadeiro homem da ciência. Não era vaidoso e nem apegado ao dinheiro. Ele gostava de fazer ciência e pronto.

Olivia: Que outros lugares do Brasil ele visitou?

Luiz Octávio: em 1975, ele deu um treinamento no CELAR de Porto Alegre, do qual resultou um belo livrinho, pouco conhecido, *Questionamento teórico do lazer*. Sempre que ele vinha para São Paulo, aproveitava para fazer alguns contatos. No Rio, com universidades. No Maranhão, em 1978 quando se instalou a primeira secretaria de lazer, ele esteve lá. Mas o importante é que ele só queria estudar. Nesse sentido, ele frustrava seus anfitriões, que o imaginavam curioso por conhecer alguma atividade de lazer. Mas não, ele não tinha o menor interesse. Afora as pessoas, as poucas coisas do Brasil que o entusiasmaram foi o Rio de Janeiro, os telhados de Ouro Preto (onde ele deu também um treinamento aos orientadores sociais do SESC) e o poder revitalizante da brisa do Nordeste. De forma geral, ele ficava trancado no

quarto, trabalhando sem parar. Aliás, é interessante notar que a produção dele é pequena para um homem que não fazia outra coisa senão escrever.

Olívia: Por que ele trabalhou tão pouco com as universidades no Brasil?

Luiz Octávio: A pergunta correta é a contrária: por que as universidades brasileiras o procuraram tão pouco? Discuto essa questão no artigo que escrevi para o livro coletivo feito em sua homenagem – *Temps libre et modernité. Mélanges em honneur de Joffre Dumazedier*. Em resumo: os tempos eram outros, o nosso pensamento sociológico estava inteiramente focado nas dimensões socioeconômica e sociopolítica do país e esses vieses não são favoráveis a que se perceba a influência do lazer.

Olívia: Você nunca questionou o fato dele ser um teórico do lazer que trabalhava tanto?

Luiz Octávio: Sim, mas a resposta dele era estereotipada. Ele comentava que aquilo não era trabalho, era paixão, outra coisa diferente do trabalho. Ele dizia que sofria se não tivesse trabalhando, a resposta que todo workaholic do mundo dá. Mas ele tinha algumas razões para isto: entrou na vida acadêmica muito tarde, ele já tinha mais de 40 anos. Ele nasceu em 1915 e aos 30 anos (quando terminou a segunda guerra), era um professor de letras. Foi na Resistência que ele descobriu sua vocação sociológica. Após a guerra, fascinado pelos estudos de David Riesman (cujo único livro traduzido no Brasil foi *A Multidão Solitária* - Ed. Perspectiva) foi para os Estados Unidos estudar com esse autor que, aliás, fez o prefácio de seu primeiro livro sobre lazer – *Vers une civilisation du loisir?* (aqui traduzido como *Lazer e Cultura Popular*, publicado também pela Perspectiva em 1974) e com Paul Lazarsfeld. É por isto, também que ele, diferentemente de outros teóricos franceses, tornou-se um sociólogo positivista, muito ligado a técnicas quantitativas de pesquisa. Só em 1960, quando ele já tinha 45 anos, reaproximou-se da universidade. Além disso sempre permaneceu envolvido com o movimento na animação. Estas duas circunstâncias sempre dificultaram sua aceitação no meio acadêmico na França.

Olívia: Quais eram suas atividades de lazer preferidas?

Luiz Octávio: Basicamente atividades físicas. Ele gostava de caminhar e, quando mais jovem, era um praticante assíduo de atletismo. Ele sempre contava rindo sobre um troféu que havia ganhado em 1960 pela vitória numa competição de 100 metros rasos de escritores e jornalistas esportivos. Pode-se mesmo ver uma curiosa

relação entre o pai, que ele não conheceu, operário bastante ligado aos nascentes esportes da França, seu filho mais velho, Silvain, professor de educação física, e ele próprio bastante ligado ao estudo do movimento esportivo na França.

Olivia: Existia preconceito por ele estar estudando o lazer e não o trabalho?

Luiz Octávio: Sim, este preconceito é universal e não afetou só a ele. Afeta e ainda vai continuar afetando a todos nós por muito tempo. Ainda hoje estudar lazer não é algo que credencie alguém a grandes vãos, sobretudo porque até pouco tempo atrás todas as ciências eram disciplinares. Ainda mais nos idos de 1970 na França. Existiam a sociologia, a psicologia, a antropologia etc. Uma sociologia do lazer (da mesma forma que a sociologia do esporte ou da cultura) era algo que não soava bem. Nem mesmo sociologia do trabalho, já que o trabalho era sempre a problemática de fundo. Ademais, dizia-se que a sociologia do lazer era uma sociografia de leitura de resultados e que a reflexão não se articulava com a tradição sociológica. Isto é verdade, em parte. Afinal, o trabalho sempre foi a preocupação central da sociologia e os estudos do lazer, desde Georges Friedman, tentavam romper essa tradição. Foi a Associação Internacional de Sociologia que ajudou a derrubar este preconceito, porque esta associação tinha comitês por tema (esportes, comunicação, trabalho, lazer etc). Dumazedier foi responsável pela criação do comitê do lazer que, fora da França, conseguiu reunir um grupo muito grande de sociólogos, inclusive do Leste Europeu.

Olivia: Quais eram os países que participavam deste Comitê?

Luiz Octávio: Havia representantes de quase todos os países da Europa, do Canadá e dos Estado Unidos. Eu fui o primeiro brasileiro a participar. Da Ásia, havia somente um japonês. A participação de sociólogos do Leste Europeu sempre era um motivo de constrangimento. Isto porque os representantes sempre mudavam sem nenhuma explicação do que havia acontecido (não raro sabia-se que o pior tinha acontecido). Através deste Comitê, do qual ele é até hoje o presidente honorário, ele encontrou muito eco na Bélgica, na Inglaterra, no Canadá (em Quebec) e também nos Estados Unidos. Nos EUA havia e há um grupo muito grande de discípulos seus.

Olivia: Na França, não há mais então preconceito sobre o lazer?

Luiz Octávio: Nunca, em hipótese alguma e em lugar algum, deve-se subestimar o preconceito sobre o lazer. Há algo que pouca gente aqui sabe. Mesmo os meios de animação sociocultural da França constroem-se de serem envolvidos pela temática do lazer. Eles sentem, parece, que a égide da teoria do lazer diminui sua credibilidade.

Pergunte-se a um curador de uma grande exposição se ele se considera um profissional do lazer e logo se verá o resultado.

Olívia: Como ele reagia aos novos nomes que surgiam?

Luiz Octávio: Houve um momento em que eu senti muito orgulho de ser seu aluno. Foi quando surgiu Michel Maffesoli, no final da década de 70. Dumazedier já tinha 65 anos e não tinha mais a energia, nem a possibilidade de mudar o seu pensamento. Maffesoli não foi e nunca pretendeu ser um sociólogo do lazer. Aliás, ele é, na verdade um fenomenólogo e para ele não existem os conceitos, no caso típicos da sociologia positivista. Ele sempre falou de vida cotidiana e da Sombra de Dioniso (título, aliás, de um dos seus principais livros). Ele surgiu de uma forma agressiva, investindo contra a sociologia positivista na França, despertando uma ira enorme dos nomes que dominavam a área. Foi o próprio Dumazedier que encaminhou ao templo da sociologia francesa, a *Revue Française de Sociologie*, uma resenha do seu primeiro livro, *La connaissance ordinaire* (traduzido no Brasil como O conhecimento comum). Os editores da revista, ao lerem a resenha, julgaram-na talvez excessivamente indulgente, o que não era verdade. Era uma resenha crítica, cheia de nuances, não era praxe na revista do elogio a autor e nem seria Dumazedier quem faria algo parecido. Apenas terminou, afirmando que, não obstante sua pouca ortodoxia, Maffesoli merecia um lugar na sociologia francesa. De forma inusitada, sua resenha foi publicada juntamente com uma segunda, na qual um professor da Universidade de Lille demoliu o livro de cabo a rabo, terminando com um insuspeito “vade retro”, “suma”! Isso obrigou Maffesoli a criar uma própria revista (*Sociétés*) já que a RFS deixou claro que não havia lugar para ele. Do episódio, restou-lhe uma enorme gratidão ao Dumazedier, a cujo pensamento dedicou um número da sua nova revista. Aliás, Maffesoli sempre falava dele com carinho e foi quem me deu a notícia da sua morte. Ele sempre considerou o Dumazedier à parte nas suas críticas à sociologia francesa. Ele cita o Dumazedier, não muito, é verdade, já que Dumazedier continuou militando na sociologia que o Maffesoli classificava de positivista, mas sempre lhe deu o crédito de pioneiro. Até mesmo aqui no Brasil, quando fiz um curso com ele, em vários momentos citou o Dumazedier. Este episódio deu para mim uma idéia do seu porte como ser humano. Ele poderia ter ignorado Maffesoli. É assim que se age normalmente quando se encontra um rival na Universidade. Mas não foi o que ele fez. Apoiou, mesmo sabendo que esse alguém poderia, como de fato aconteceu, ter mais “luz” do que ele. Espero sempre estar à altura dessa lição.

Olívia: O Dumazedier fez muitas pesquisas sobre o lazer dos franceses?

Luiz Octávio: Não, boa pergunta! Porque, na verdade ele só fez uma pesquisa,

que durou 30 anos. Ele escolheu uma cidade francesa, chamada Annecy. Começou a pesquisa logo que voltou dos EUA, em 1956. Esta pesquisa ele só terminou em 1986, quando ele publicou o segundo volume de *Lazer e cidade*. O primeiro volume foi *Lazer e cultura* e o segundo foi *Sociedade Educativa e Poder Cultural* (ambos inéditos no Brasil). Só aí ele encerrou a pesquisa. Acompanhou o crescimento da cidade e voltou várias vezes para entrevistar a população. Por isto, é uma pesquisa de grande valor. Foi uma pesquisa que alimentou toda a sua obra. Na verdade, no início dos anos 60 ele comandou uma pesquisa internacional em cidades de diferentes países do oeste e do leste europeu, que revelou as incríveis semelhanças da prática do lazer. Mas esta pesquisa praticamente não conta. Nem mesmo chegou a ser objeto de um livro. A idéia de que o regime político não interfere na prática do lazer da população era uma idéia muito pouco simpática na época. Ele também assessorou a nossa pesquisa aqui em Americana. Ele queria que nós usássemos a mesma metodologia em todos os detalhes, mas nós não tínhamos a necessária experiência de pesquisa.

Olivia: Quantos livros ele publicou?

Luiz Octávio: Em francês, pela ordem foram: *Vers une civilisation du loisir* (entre nós, *Lazer e cultura popular*). Depois *Loisir et culture com Aline Ripert*, *Loisir et space* (dois volumes, um com Claire Guinchat e outro com Guy Corônio), *Société éducative et pouvoir culturel*, com Nicole Samuel, para mim a sua obra mais importante, mas que não teve repercussão. Eu nunca vi qualquer citação deste livro em obra nenhuma, apesar de ser uma obra interessantíssima, na qual argumenta que os assuntos da cultura vão exigir uma nova repartição no poder democrático, com a criação do que ele chama de poder cultural. O exemplo de poder cultural mais próximo, na época, era o que existia na Inglaterra (sempre a Inglaterra, é incrível!), o conselho de programação da BBC de Londres. Ele também cita os *Syndicats de l'initiative* na França, como exemplo de organização do poder cultural na escala de uma cidade, mesmo pequena. Quando você chega em qualquer "cidadezinha" daquele país, sempre existe um guichê do gênero na entrada da cidade. Todos que produzem algo ligado à cultura, têm lá o seu nome cadastrado. O turista, ao chegar, logo sabe onde estão os que exercem algum tipo de trabalho cultural (aulas de música, de artesanato, etc.). Esse sindicato é mais do que um centro de divulgação; é o exemplo do que deve ser uma articulação da cultura. Finalmente, ele publicou *A Revolução Cultural do Tempo Livre* e depois um último, *S'autoformer (Autoformar-se)*, assunto que, no fundo, foi a grande questão da sua vida e que o levou ao lazer.

Olivia: O lazer não foi, então, sua problemática inicial?

Luiz Octávio: Dumazedier era filho de um artesão engajado no exército na primeira

guerra e que morreu na famosa Batalha de Verdun, em 1916. Ter perdido alguém querido nessa guerra tem um significado que demorei para descobrir. É muito mais do sabê-lo morto em combate, é ter a certeza de que esse ente amado viveu algo próximo do inferno, antes de morrer. Os relatos dessa guerra, a última das guerras no modelo antigo, que privilegiavam a luta corpo a corpo, antes da aviação, na qual morreram 300 mil soldados franceses e outro tanto de alemães, falam de carnificina em cima de cadáveres que se decompunham pela falta de tempo e condições de enterrá-los. O relógio que ele herdou do pai (única herança) era uma lembrança que lhe trazia lágrimas, apesar de não tê-lo sequer conhecido - tinha somente um ano. Sua mãe era lavadeira. Foi o seu professor da escola primária que se entusiasmou com o seu talento e o mandou para o Liceu Pasteur. Na Resistência, ele encontrou vários amigos de infância e eles eram ainda analfabetos. Essa realidade o chocou e fez brotar uma questão: ele teve oportunidade mas o que seria desses seus amigos, que tiveram acesso à escola mas que a escola não os acolheu de forma a que continuassem? Como lidar com os deserdados da escola? Foi aí que ele chegou ao "treinamento mental". A preocupação dele era como suprir as deficiências de aprendizagem desses deserdados. Eu conheci, inclusive, um dos seus alunos nos intervalos de luta na Resistência, Benigno Cáceres, autor de vários livros. Ele se dizia uma prova viva da eficácia do treinamento mental. Por esse motivo, na Sorbonne, Dumazedier criou a cadeira de Sociopedagogia da Educação de Adultos, dos Lazeres e da Animação Sociocultural, exatamente a que eu frequentei. O título da cadeira é a sua trajetória científica.

Olívia: Qual a sua importância na animação sociocultural francesa?

Luiz Octávio: Ele criou uma das principais associações voluntárias de animação na França, Peuple et Culture. Mas o sistema de animação surgiu na França, mas não com ele, como muita gente pensa. Aliás, somente na França, o termo animador afirmou-se e ganhou visibilidade. Animação sociocultural é um termo criado na década de 1960, herdeiro da educação de adultos que, por sua vez, surge do movimento de educação extra-escolar no séc.XIX, numa circunstância muito bizarra. Em 1860, sob Napoleão III, a França instalou o ensino leigo, até então exercido quase apenas por padres e freiras. Os religiosos para diferenciar o ensino deles do ensino leigo incluíram nas tarefas pedagógicas as excursões, os passeios, o teatro, o esporte etc. Mas o movimento anticlerical na França sempre foi muito forte e o que aconteceu foi uma grande competição entre os dois tipos de ensino, fazendo com que no início do século vinte, a animação já existisse e estivesse bastante desenvolvida, mesmo se o termo ainda não existisse. A animação sociocultural sempre foi uma das grandes preocupações de Dumazedier, embora ele vivesse a grande perplexidade que a gente vive aqui, que é dificuldade que esta atividade tem para estruturar como profissão. Ele achava, como eu também, que há um problema sério de identidade profissional

na área que precisa ser superado para que se torne uma profissão. Na verdade na França este debate é muito claro, aqui ainda não. Para algumas pessoas lá, a animação não deveria nem mesmo ser uma profissão porque, em tese, qualquer pessoa de qualquer profissão deve ser um animador: um professor, um advogado, um comerciante, um padre, um vendedor etc. Este é apenas um dos argumentos com que se lida lá, mesmo se sabendo que a profissão ganhou estrutura e até sindicato.

Olivia: Ele chegou a dar algum tipo de assessoria para o governo francês?

Luiz Octávio: A França sempre teve planos plurianuais levados a sério e ele participou de praticamente todos desde o final da década de 50. Mas ele não pareceu nunca muito à vontade nessa situação. Quando foi criado o Ministério do Tempo Livre, em 1981, ele foi chamado pelo ministro, mas a parceria não frutificou. Ele se irritou com o fato de o ministro nada saber de lazer. Em seguida, já se achou velho para aturar políticos e profissionais do poder político. Parece que ele gostava mesmo era de, todos os anos, visitar o Brasil e o Quebec. Eu diria, inclusive que o local que mais acolheu a sua obra foi o Quebec. Em 1980, quando ele se aposentou, continuou como professor honorário da Sorbonne mas a sua equipe de lazer foi toda desmontada. De certa forma, é até fácil de se entender. O Maffesoli em especial tem boa compreensão do mecanismo. O lazer é um paradigma completamente oposto ao paradigma do trabalho. É tolice achar que a sociedade vai dar o mesmo espaço para o lazer. Este espaço vai ser conquistado porque tudo que é feito com prazer é melhor, até mesmo trabalhar. Então neste caso, o lazer vai ter um espaço por conta disso. Mas de forma alguma é possível imaginar que ele terá um lugar de destaque na sociedade. Acredito que no Brasil o lazer já conseguiu bastante. O número, por exemplo, de secretarias e outros órgãos de lazer é maior aqui do que em outros países como os EUA, embora lá exista um sistema de formação com 500 cursos de graduação em lazer e mais de 200 programas de doutorado. Aqui é turismo, lá é lazer. Lá não há cursos de turismo, nem de hotelaria e sim de lazer.

Olivia: E na França também é assim?

Luiz Octávio: A situação lá é difícil de ser entendida por nós. O ensino superior em ciências humanas e sociais não se mistura com o ensino profissionalizante. A formação em lazer acontece através de cursos de vários níveis, mas profissionalizantes. Na década de 80, parecia que o lazer viria a ser o campo profissional mais importante do país. O ex-primeiro ministro socialista Pierre Maurois era um egresso da área e deu muita força aos animadores. De repente, o campo retraiu-se. A profissão de animador atingiu naquela década o ápice de seu prestígio. Como bem disse Geneviève Poujol, depois da ilusão da escola, os franceses caíram na ilusão da

animação. Dumazedier sempre foi enfático em mostrar que o lazer interfere nas práticas culturais do trabalho, da família e da política, mas... sem nada alterar dos seus problemas essenciais. Quem sabe a consciência dessa ilusão tenha sido uma das causas da retração da profissão, nos anos 90. De qualquer forma, é da França que nos chega a única relação entre animador e população, na base de 1/1.000. Isto nos diz ao menos que o Brasil pode vir a ter um dia 160.000 animadores ou profissionais do lazer.

Olívia: Como entender que Dumazedier não tenha sido respeitado como sociólogo do lazer se Domenico de Masi conseguiu tanta repercussão entre nós?

Luiz Octávio: A explicação me parece simples. De Masi, nos anos 90, foi chamado para dar consultoria para a Volks alemã, que pensava em demitir 20% do seu enorme quadro de pessoal. De Masi propôs zero de demissões, 5% de redução de salários e redução da jornada de trabalho de 36 para 21 horas semanais. Ao final do ano, a produtividade tinha aumentado. Desta forma, ele fala muito e com credibilidade para o mundo do trabalho, credibilidade que nós, apenas do lazer, não temos. Ele é capaz de convencer um empresário, na base do “isto dá certo porque eu já fiz e eu sou melhor do que você”. Ele ganhou o respeito do mundo do trabalho. Além do mais, é um ótimo conferencista e tem um grande carisma. Já Dumazedier era o oposto. Se alguém fizesse alguma pergunta que ele não apreciasse, simplesmente não respondia, fosse quem fosse. Ele chegava às raias da falta de educação. Nas poucas vezes em que aceitava participar de algo parecido com relações públicas, perguntava ao final: “est-ce-que j’ai bien joué le clown?” (será que fui suficientemente palhaço?). Segundo Danilo Miranda, diretor regional do SESC aqui em São Paulo, De Masi lhe disse em resposta a uma pergunta sua, que nunca tinha ouvido falar do Dumazedier, antes de vir ao Brasil. Isto mostra como o mundo acadêmico é fechado, mesmo entre países vizinhos como Itália e França. Dumazedier, também, não deve ter ouvido falar, muito menos conhecido. De Masi, mas eu acredito que ele teria ficado satisfeito com o seu sucesso. Nunca entendi a atitude algo enciumada de alguns dos nossos colegas. Eu acho ótimo que ele tenha surgido, porque ajudou-nos muito, sobretudo carregou credibilidade para a nossa área.

Olívia: Você falou muito da importância do Dumazedier na sua vida e é tido como o seu discípulo. Você se considera assim?

Luiz Octávio: Sim, mas não sou o único. Basta ler o Marcellino para se ter idéia da importância do pensamento de Dumazedier na sua obra. Ele também foi seu aluno aqui no Brasil. De toda forma, esta pergunta é muito difícil de ser respondida por mim, porque sempre me comovo. A idéia de que o seu pensamento ainda é tão pouco

conhecido e valorizado e, sobretudo, a consciência de que ele, mais do que meu mestre, é meu pai espiritual, sempre me provoca lágrimas, de sorte que eu tenho até dificuldade em falar dele em público. Quando ele aqui esteve pela última vez em 1995, para o lançamento da tradução do seu livro, eu lhe perguntei (santa inocência que nos leva a fazer essas perguntas) qual o balanço que ele fazia da repercussão do seu trabalho. Ele me respondeu sem azedume, mas com uma fria tristeza: “entre meus contemporâneos (Touraine, Balandier, Bourdieu, Baudrillard, Morin, etc.), nada; para eles, é como se eu não existisse; para os sociológicos da geração seguinte, como Roger Sue, Maffesoli e você mesmo (incluiu-me nessa agradável companhia) certamente eu sou uma referência; mas é na geração mais nova que sinto meu pensamento mais vivo”.

Olivia: Você concorda com essa avaliação dele?

Luiz Octávio: Em parte, apenas. Para mim, alguém como o Dumazedier, com a sua competência e a sua capacidade de trabalho, deveria ter surgido na minha geração, quando os dogmas positivistas não estavam mais presentes com a mesma força de 30 anos atrás. Lamento que ele jamais tenha incorporado à sociologia os seus profundos conhecimentos literários, coisa que o Maffesoli faz todo o tempo e é um dos grandes charmes de sua obra. Dumazedier falou de algo vivo, radioso, solar, como o lazer, usando a linguagem fria durkheimiana dos seus contemporâneos. Foi uma pena, sem dúvida. Mas sei que ele diria: “se eu não soube fazer, meu velho, faça você”. E eu, de meu lado, digo aos mais jovens: vivam esse novo momento da ciência, mais aberto, em toda a sua intensidade; explorem limites; mais do que isso, violem limites; voem como eu nunca soube fazê-lo; vocês têm um tema magnífico nas mãos. Mas, para voltar à questão, não conheço quem visite o pensamento de Dumazedier e volte de mãos vazias.

Olivia: Mas no primeiro número da *Licere*, você falava do lazer como um conceito datado, portanto com fim à vista...

Luiz Octávio: É verdade, embora essa frase fosse antes de tudo provocativa. O lazer “descoberto” (as aspas são importantes) por Dumazedier diz respeito a uma sociedade que paga o lazer das pessoas. Por isso existe o “repouso semanal remunerado”, “férias remuneradas”, “aposentadoria remunerada”. Mas parece que todos esses benefícios duramente conseguidos pelos trabalhadores estão ameaçados. Quando eu fiz o meu doutorado, mais de 70% da população economicamente ativa, em São Paulo e Campinas, vivia no setor formal, com esses benefícios. A taxa hoje é inferior a 50% nessas cidades e, ainda menos, no Brasil. Recentemente, Stephen Kanitz, em sua coluna da *Veja*, escandalizava-se com o fato de, no Brasil, o tempo

não produtivo das férias ser remunerado da mesma forma que o tempo produtivo do trabalho. Estive para lhe escrever dizendo que ele estava duplamente equivocada: em primeiro lugar, as férias são remuneradas em um terço a mais do que o trabalho; em segundo lugar, que nada há de errado nisso. Depois, achei que não valia a pena. De qualquer forma, há quem ache que estamos voltando à mesma realidade anterior à revolução industrial, quando divertir-se significava perder produção e ganho. Talvez, mas nem assim o lazer, enquanto fonte de valores está ameaçado. Enquanto prática social, o lazer adquire uma autonomia cada vez maior em relação ao trabalho. Ademais, as verdadeiras conquistas do lazer, o tempo para si mesmo, tal como as demais da liberdade, são eternas. Para a revista *Loisir&Société* (Leisure&Society) do Québec escrevi um artigo logo após a minha tese demonstrando que ainda que as dinâmicas produtoras do tempo liberado e do tempo inocupado sejam diferentes; as vivências das práticas de lazer são similares nesses tempos tão diferentes socioeconomicamente. Talvez apenas tenhamos de inventar um outro conceito, mas isso apenas o futuro dirá.

Olivia: Mas fala-se muito hoje que o tempo de trabalho está aumentando...

Luiz Octávio: Essa foi a seqüela de um estudo americano de Juliet Schorr, *The overworked american*, que tem como subtítulo *The Unexpected Decline of Leisure*, publicado em 1991 que tentou (e parece que convenceu largos segmentos de opinião) provar essa assertiva. Posteriormente, John Robinson e Geoffrey Godbey (o orientador da tese de doutorado do nosso Antônio Carlos Bramante), com análises de tempos diários de dezenas de milhares de indivíduos nas últimas décadas, no seu livro *Time por life: the surprising ways american use their time*, publicado em 1997, mostram os equívocos de Schorr e como foi insuficiente a amostra de que ela se serviu. Não há como fugir à evidência de que a massa de tempo de trabalho humano está diminuindo e isso é ainda mais visível. O tempo livre inegavelmente tende a aumentar. As evidências científicas já foram todas colocadas à mesa. É preciso nos resguardarmos de qualquer pressa em aceitar teses em contrário. No momento, o ônus da demonstração é delas. Mas quem trabalha com lazer sabe que é muito difícil convencer alguém mobilizado pela ideologia do trabalho.

Endereço da Autora:

Olivia Cristina F. Ribeiro
 R. Felipe Camarão 171 apt. 14 – Tatuapé
 São Paulo – SP – 03065-000
 E-mail: oliviarib@uol.com.br

Recebido em: 30/ 11/ 2003

Aceito em: 10/ 12/2003